



# FUNDO PARCITAS HEDGE FIC FIM

desempenho  
**mensal**

 MUNDO

O mês de outubro foi marcado por uma forte performance dos indicadores econômicos dos Estados Unidos, reduzindo ainda mais os receios de uma possível recessão iminente. Iniciamos o mês com os relatórios de JOLTS (Job Openings and Labor Turnover Survey) e ISM Manufacturing (Institute for Supply Management Manufacturing Index), que apresentaram números fracos e abaixo do esperado. No entanto, esses dados foram completamente ofuscados pelo relatório de Payroll, que demonstrou um crescimento extraordinário na criação de vagas, surpreendendo as expectativas de um mercado de trabalho robusto em um momento em que muitos apostavam no prelúdio de uma recessão americana.

Além disso, o CPI (Consumer Price Index, ou Índice de Preços ao Consumidor) deste mês foi substancialmente mais forte do que nos meses anteriores, reforçando a percepção de que o Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) ainda precisaria adotar uma abordagem cautelosa em sua trajetória de normalização da política monetária. Por fim, os dados de atividade econômica apontaram para uma economia saudável, com uma taxa de crescimento em torno de 3,0% QoQ SAAR (taxa anual ajustada sazonalmente trimestre a trimestre).

No geral, a resiliência dos dados econômicos, somada à proximidade das eleições americanas e ao aumento das probabilidades de uma vitória republicana, levou a uma rápida revisão das expectativas de cortes de juros por parte do Fed. Isso culminou em uma contínua elevação das taxas dos títulos do Tesouro Americano (Treasuries) ao longo do mês de outubro, além de uma valorização do dólar americano.

Para o próximo mês, teremos dois eventos principais logo nos primeiros dias. Em 5 de novembro, ocorrerão as eleições e o início da apuração dos resultados. Com a disputa ainda aberta, mas com um leve favoritismo para Trump nos mercados, todos estarão atentos não apenas ao anúncio do próximo presidente, mas também à composição do Congresso, fator tão ou mais importante. No dia 7 de novembro, ocorrerá a reunião do FOMC (Federal Open Market Committee), na qual se espera um corte de 25 pontos-base na taxa básica, desacelerando em relação ao corte de 50 pontos-base realizado na reunião de setembro.

Nesse contexto, temos operado com risco reduzido. Ao longo do último mês, diminuimos as posições compradas em S&P 500 e estabelecemos taticamente uma posição comprada em juros dos EUA, que já foi parcialmente reduzida. Acompanharemos, além desses eventos importantes nos EUA, um possível pacote de estímulos na China, que foi pré-anunciado, mas sem detalhes, e os impactos do anúncio fiscal no Reino Unido feitos no final de outubro.



Em outubro, o mercado brasileiro foi influenciado por dois temas principais: (i) a dinâmica inflacionária e (ii) a perspectiva fiscal, com dúvidas sobre as despesas públicas. Ambos os fatores, aliados à instabilidade do cenário eleitoral americano, acabaram pressionando os ativos brasileiros, que apresentaram resultados negativos ao longo do mês.

A questão que tem nos preocupado há algum tempo é a dinâmica inflacionária, que continua surpreendendo para cima. Até então restrita ao atacado, agora há indícios de que a inflação está se espalhando para o varejo. A forte alta no preço do boi (+45% no atacado) já impacta os preços nas gôndolas, e o efeito da depreciação cambial acima de R\$5,60 começa a se refletir em diversos itens do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo). A inflação subjacente, que girava em torno de 4%, agora está entre 4,2% e 4,5%, praticamente alcançando o teto da meta.

Embora a inflação de salários permaneça controlada, existe uma “sensação térmica” de inflação em torno de 6% no curto prazo, o que pode alterar essa dinâmica em um contexto de desemprego em níveis mínimos e elevado poder de barganha dos consumidores. Em nosso cenário base, sem contágio adicional, projetamos uma inflação de 4,3% para 2025, 30 pontos-base acima do boletim Focus. No entanto, se o contágio se intensificar, um cenário com inflação de 4,6% ou mais se torna plausível.

Do ponto de vista fiscal, a estrutura permanece fragilizada. O mercado pressiona o governo a endereçar questões estruturais, e há sinais de que o governo pretende manter a estabilidade do arcabouço fiscal até o fim do mandato presidencial. A discussão central gira em torno da apresentação de um “Pacote do Haddad”, com expectativas de R\$30 bilhões em medidas. Com ações administrativas e a PEC da DRU (Desvinculação de Receitas da União), o impacto fiscal pode ser mais significativo em 2025-2026, possivelmente na ordem de R\$50 bilhões.

O governo mostra hesitação em alterar despesas obrigatórias, que representam 75% do total, restringindo a discussão a uma parte das despesas que inclui emendas parlamentares. Embora haja algum impulso fiscal positivo, os problemas estruturais persistem, e a política monetária deverá exercer um efeito decrescente sobre esse impulso.

Em relação à atividade econômica, observamos uma diminuição nas surpresas positivas quanto ao crescimento, refletindo o arrefecimento das transferências. A estimativa do PIB para o terceiro trimestre indica um crescimento de aproximadamente +0,2% a +0,3% em relação ao trimestre anterior, uma leve queda em comparação com a projeção anterior de +0,5%. Apesar desse recuo, a economia continua resiliente, operando acima do potencial, sem sinais de desaceleração acentuada ou aumento de ociosidade.

O mercado de trabalho permanece aquecido, com taxas de desemprego em mínimas históricas. Além disso, o crédito às famílias continua robusto, em níveis elevados e sem sinais de retração, indicando um balanço saudável, com inadimplência controlada e renda elevada. No entanto, percebemos uma desaceleração na renda ampliada, mais influenciada pelas transferências do que pela renda propriamente dita, o que resulta em um consumo mais fraco de bens não duráveis e semiduráveis. Embora o consumo geral permaneça alto, ele começa a dar sinais de desaceleração.

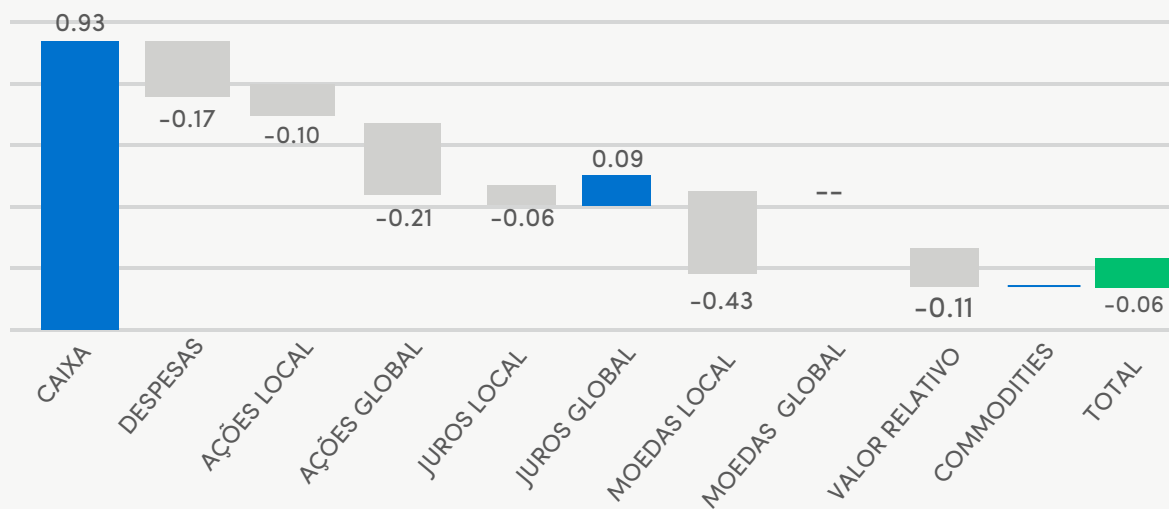
Por fim, sem reuniões do Copom (Comitê de Política Monetária) em outubro, os diretores reforçaram seu compromisso com a meta de 3% para a inflação. A deterioração contínua das expectativas, juntamente com a resiliência da economia e a situação surpreendente do mercado de trabalho, levou à reavaliação do hiato do produto. Os modelos indicam que o BCB (Banco Central do Brasil) deve interromper o ciclo de cortes na taxa Selic em 12,50% ou mais. A melhor estratégia para o Copom é garantir que não haverá cortes enquanto a inflação atual e as expectativas não estiverem sob controle.

Em resumo, a inflação é uma preocupação crescente, e a situação fiscal exige atenção cuidadosa, enquanto a política monetária deve ser ajustada para responder a essas dinâmicas. Nesse contexto, mantemos posições relativas (vendidos na bolsa e comprados no real), uma posição direcional comprada em BRL e uma pequena posição tomada em juros.



## ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

### Parcitas Hedge FIC FIM - Outubro/2024

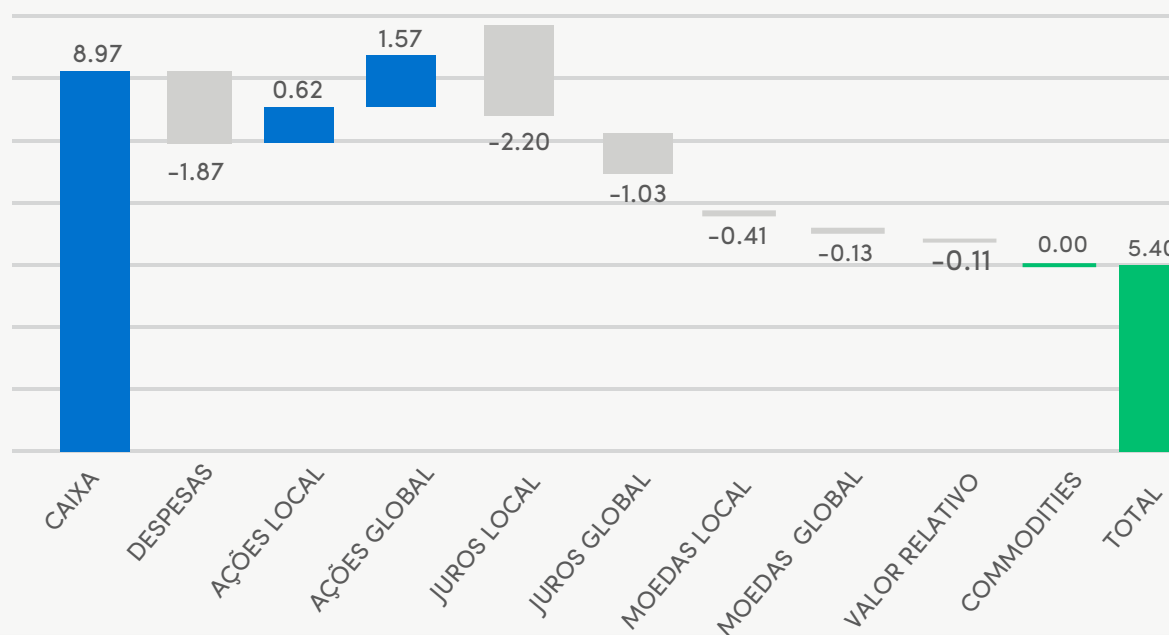


\*Dados de 01/out/2024 até 31/out/2024



## ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

### Parcitas Hedge FIC FIM - Ano/2024\*



\*Dados de 01/jan/2024 até 31/out/2024


**RETORNOS MENSAIS (%)**

| 2024  | JAN   | FEV   | MAR    | ABR   | MAI  | JUN   | JUL   | AGO   | SET   | OUT   | NOV   | DEZ  | ANO   | INÍCIO |
|-------|-------|-------|--------|-------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------|-------|--------|
| % CDI | 0.37  | -0.67 | 0.95   | -1.72 | 0.83 | 1.11  | 0.96  | 2.16  | 1.40  | -0.06 | -     | -    | 5.40  | 46.22  |
| 2023  | 38    | -     | 114    | -     | 98   | 141   | 105   | 249   | 168   | -     | -     | -    | 60    | 81     |
| % CDI | 1.80  | 1.52  | 3.15   | 0.66  | 1.78 | -2.05 | 0.89  | -0.12 | -2.26 | -3.17 | 4.85  | 2.52 | 9.67  | 38.72  |
| 2022  | 161   | 165   | 268    | 72    | 159  | -     | 83    | -     | -     | -     | 529   | 281  | 74    | 87     |
| % CDI | -1.17 | 0.69  | 4.51   | -2.01 | 0.20 | 0.67  | 2.21  | -0.37 | 1.44  | -0.61 | -4.50 | 0.23 | 1.02  | 26.49  |
| 2021  | -     | 92    | 489    | -     | 19   | 66    | 214   | -     | 134   | -     | -     | 20   | 8     | 96     |
| % CDI | -0.18 | 0.84  | 1.15   | 1.30  | 0.15 | 1.18  | -0.83 | 0.28  | -1.30 | 4.25  | 0.35  | 0.08 | 7.39  | 25.21  |
| 2020  | -     | 625   | 580    | 625   | 56   | 386   | -     | 65    | -     | 885   | 60    | 11   | 168   | 185    |
| % CDI | 0.56  | -2.11 | -11.93 | 5.27  | 4.41 | 1.95  | 2.64  | 2.40  | -2.44 | -1.51 | 4.15  | 1.40 | 3.60  | 16.60  |
| 2019  | 3.01  | -0.21 | 0.68   | 0.79  | 0.58 | 0.74  | 0.79  | -0.20 | 1.67  | 1.28  | -0.51 | 3.33 | 12.55 | 12.55  |
| % CDI | 582   | -     | 146    | 152   | 106  | 158   | 140   | -     | 360   | 266   | -     | 884  | 211   | 211    |

**PL: R\$ 585,4 milhões**  
 PL: Patrimônio Líquido

**PL médio (12 meses):**  
**R\$ 566,7 milhões**

**OUTUBRO DE 2024**
**-0,06%**
**12 MESES**
**+12,12%**
**(111% DO CDI)**
**DESDE O INÍCIO\***
**+46,22%**
**(81% DO CDI)**

\*02/01/2019

Aviso: Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC



+55 11 3192 9050  
[ri@parcitas.com.br](mailto:ri@parcitas.com.br)



Acompanhe a Parcitas  
nas redes sociais